

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 48.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 30 DE DEZEMBRO 1872

### Vistas retrospectivas.

Com este numero finda o seu primeiro anno de existencia o nosso modesto *Domingo*.

Com que difficuldades lutou a nossa perseverança para conseguir eleva-lo ao pequeno pedestal, em que o collocamos! Com que difficuldades lutaremos ainda, em quanto não desaparecerem da nossa sociedade certos prejuizos, que a ridicularisam.

Estamos convencidos de que alguem negará que o seu programma tenha sido religiosamente cumprido.

Paciencia: muita gente sustenta tambem que não ha Deus.

E' muito natural que, de nosso lado, digamos que em cousa alguma foi alterado o seu programma; quem o contrario disser, não passa d'algun dos seus *pequenos inimigos*, pois o *Domingo* não pode evital-os; são elles, porém, de *tanta importancia*, que nem nos lembramos que os temos.

O *Domingo*, segundo tinhamol-o annunciado no

## FOLHETIM DO DOMINGO.

### Regeneração e honra.

(Semi-romance.)

A MEU AMIGO A. AZEVEDO.

#### III.

Sophia, achando-se mãe, quasi que ondoquecera de vergonha e de desespero.

O que, porem, fazer—sinão ter muita coragem, resignar-se com a sua sorte, e desaparecer do seio da sociedade?...

Foi o que aconteceu.

Ella só tinha uma pessoa por si; só um coração compassivo que a avia com dó e commiseração. Era a sua prima Rosinha—moça que possuia o dote da mais inimitavel virtude, e que, pelo tempo dos seus desvarios, a advertia, como amiga, das más consequencias que lhe podiam acontecer.

seu primeiro numero, cultivou, como poude, o ameno campo das letras e empunhou uma leve palmatoria da critica; o seu *ridendo castigat mores* jamais transpoz o lar privado de alguem, jamais enrubeceu a donzella e desesperou o pai de familia.

Excusado é dizer que esses pequenos inimigos, de que fallamos, nasceram da asperzeza de sua critica, porque enfim

*La satire. . . . . est un métier funeste,  
Qui plait à quelques gens et choque tout le reste.*

Disse—o Bodeau.

Na sua passagem pelo sul e norte do imperio foi o *Domingo* saudado pelos seus provecos collegas de officio; muitos dos seus artigos foram transcriptos por elles; e no Maranhão—tanto na capital, como no interior—tem sido, felizmente, muito bem acceto.

Como anteriormente promettemos, do domingo vindouro em diante, os seus bons assignantes terão mais o que ler, pois augmental-o-hemos; e assim continuará a ser publicado, se lhe não faltar a protecção que se lhe tem dispensado.

Resta-nos pedir desculpa aos nossos assignan-

A' ella pois Sophia um dia apresentou-se lavada em pranto e com uma mechina nos braços, pedindo um amparo para sua filha!

Rosinha, de pouco casada e ainda sem fillos, com muito prazer recebeu a netinha; promettendo a Sophia que ella e seu marido seriam seus padrinhos e que a haviam de tratar como filha. Sophia, accitando reconhecivelmente a offerta de sua prima, julgou-se mais feliz.

—Soffra muito embora o motejo e o escarnio do mundo, pensava ella—é castigo dos meus desvarios; mas, ao menos, minha filha, apartada de mim, está livre d'elles e ha de ignorar a desgraça de sua mãe.

E ella pediu a Rosinha que nunca dissesse á essa mechina quem era sua mãe. Rosinha promettou-lhe assim fazer, e offereceu-lhe a sua casa—pediu-lhe mesmo que viesse morar em sua companhia. Ella, porém, recusou, dizendo que jamais seria digna de sua amizade; que o ericoe ou erro que havia commettido a inibia do estar junto da sua amiga d'outr'ora, tão boa, tão terna, e tão

# Mutilado

tes por nos termos largamente occupado de nós e agradecer-lhes o seu decidido apoio, se bem que entre elles alguns hajam que—bem pouco ou nada—merecem o nome de *protectores*.

### NOTICIAS DA PACOTILHA.

Ora vivam os meus leitores!

A maior novidade é que começou ha quatro dias o 1873, festivo, *espelho*, engraçado, etc.,—como são todos os annos em janeiro, tornando-se—em dezembro—funestos, feios, gotosos e cheios de quantos improperios vêm à bôca, digo—, à penna dos chronistas e redactores.

Festas tem havido em grande escala: não ha rua em que não haja uma porção de tabatinga e papelão sarapintado, representando *fielmente* Bethlehem e o presepe em que veio ao mundo o Salvador do mesmo.

Mudemos de assumpto:

Só o meu dever de chronista obrigar-me-hia a dar dez toques por um bilhete de entrada para a exposição das figuras de cêra do Sr. Rossini.

Eu sou da opinião publica, que acha excessivamente caro o tal divertimento: o Sr. Rossini devia ficar satisfeito com dous cartões de *bonds*—por exemplo—por cada ingresso.

Quanto às figuras, algumas ha perfectas e expressivas; os trajes, porém, e os corpos de quasi todas mereciam mais aperfeiçoamento.

O grupo que representa a capitulação de Sedan, não prima pela naturalidade e semelhança dos typos: apresenta um Bismarck magro e de *frak*, quando devia estar inteiramente revestido do seu caracter official; um Napoleão III de cêra inteira-

virtuosa: dizia que o mundo não a perdoaria. Nada a convenceu do contrario.

E tinha razão.

A sociedade pune severamente, condenna demasiadamente o erro d'uma mulher! O homem, por mais devasso e depravado que seja, quando reconhece o seu erro e quer regenerar-se—é facilmente perdoado; o seu passado é esquecido, e, pôde ser um homem de bem.

Mas, a mulher, que é fraca, e que *pelo homem* é seduzida—embora tenha-se a convicção do seu arrependimento, a certeza da sua regeneração—o seu passado nunca cahe no olvido. Ella é, sem duvida, um ente mais milindroso, mais delicado—mas, com toda, a sociedade lhe é inelmente e inexorável!

Não devia ser assim.

Ella commettedu um crime—seja embora—mas, qual o criminoso que, de todo o coração arrependido, não alcança o perdão de Deus? Porque pois, os homens, que

mente contrario ao de carne e osso; um rei Guilherme magro; o principe real pelo primo Frederico, e um Mokt phisico e intanguido.

A' Victor Emmanuel falta o nariz-arrebitado e á Castellár nada falta.

Rochefort tem os cabellos crespos, o que lá não vi; alem disso é um *dandy*, e o traje ali parece o de um capurreiro da Barra do Corda á busca de sartimento na capital; os communistas—fundadores de Louste e Thomas deviam estar fardados; o Lopes não era d'aquella altura; o quadro que representa o cadaver do general Prim está perfeito; porém no da fome de Madrid em 1811—os soldados francezes estão vestidos como os contemporaneos, e aquella mulher que mal sustenta no collo o filho, não devia ter os seios cheios; o *toilette* da ex-rainha Izabel II é irrisorio; o soldado que pede vinho á aldean é francez e não prussiano; os typos portuguezes são os peiores que lá vi e o hospital de sangue o melhor quadro que lá está.

Quanto á *Venus reservada*—mais me parece—no corpo—a celebre Maria Paula. Si Venus é aquillo, não valle a fama mythologica que lhe decaram os poetas da antiga geração.

Apesar de tudo isso, vale a pena apreciar os honores do Sr. Rossini, e, si aqui manifestei alguns *porquês*, é para que se não persuada esse senhor de que me convenci que expoz o *non plus ultra* n'aquelle genero.

E' *aristocratisima* a redacção da parte de policia do dia 29 do passado, impressa no n. 230 da gazeta official.

Ahi vae um topico:

Foram presos, á ordem do Sr. Dr. chefe de policia a

recebera a absolvição do julgador Supremo, não absolvem tambem todos os seus semelhantes?

Com estas judiciosas idéas, e fazendo o seu deposito, Sophia retirou-se da presença de sua prima. Desappareceu do mundo, e foi contrita, expiar sosinha os seus peccados. Ninguem mais a vio, e si a vissem, não a conheciam. Um anno só bastou para tornal-a outra. A moça alegre e zombeteira d'outr'ora, a fada dos amores—já não existia!

E, entretanto, ella se havia regenerado. Ninguem lhe fosse fallar do seu passado.

Eu não tive passado—dizia—; não tenho presente, e espero no futuro... O passado foi de erros e de desvarios; o presente, de vergonha e ignominia, e o futuro... será de expiação dos meus peccados e do menospreso dos homens...

Mas, essa moça imprudente e tresvairada tornou-se uma mulher arrependida e sensata. Regenerou-se e merecia ser respeitada de todos. (Continúa). A. Britto.

preta..... e os moleques, Martiniano, do  
*Exm. senador Luiz Antonio Vieira da Silva, André, de*  
*Antonio Pedro dos Santos e José, de José Rodrigues*  
 Vidal.....

Na minha *democratica* opinião, uma vez que lá  
 está:—*Fulano do Exm. senador Beltrano*—, de-  
 via tambem estar:—*Fulano do Illm. Sr. Sierano*,  
 porque—em actos officiaes—Beltrano não é mais  
*excellente* que Sierano.

Termino, desejando que os leitores divirtam-se  
 muito hoje e amanhã—vespera e dia de Reis, e  
 participando-lhes que está em moda umas *circu-*  
*lares funebres*, para avisar *dolorosamente* ao com-  
 mercio que ha de girar uma nova firma no novo  
 anno.

A' fallar em anno: desejo-lhes boas entradas  
 deste, e melhores salidas do outro.

*O Domingos.*

## ZAIDA.

### LEGENDA HERALDICA.

TRADUZIDA POR FERNANDO A. SILVA.

Henrique 3º acabava de desposar Eleonora de  
 Provença, irmã da rainha de França, casada com  
 Luiz IX, quando foi resolvida a decima crusada,  
 e estes monarchas, que juntavam a crença reli-  
 giosa ao espirito cavalheresco d'essa epocha, ac-  
 ceitaram com enthusiasmo o encargo de ir livrar  
 a cidade santa do jugo dos infieis.

A nobreza dos dois reinos, a exemplo de seus  
 soberanos, chamou a suas bandeiras os vassallos  
 de seus dominios, e correu a se collocar sob o  
 estandarte da Fé.

Na epocha desta memoravel expedição existia  
 já em Cumberland seis castellos principaes, cujos  
 senhores se armaram para a santa causa.

Um destes dominios, o de Milloum, pertencia  
 a nobre familia saxonica do nome de Hudleston,  
 descendente d'Alheltane, um dos antigos reis da  
 Heptarchia.

O chefe dos Hudleston, lord Milloum, partio  
 com seus vassallos, deixando seu irmão mais  
 novo na administração de seus bens, porém,  
 chegados ás costas d'Africa, as tempestades, alli  
 sempre frequentes, fizeram soçobrar uns, e des-  
 perçar outros dos navios da santa crusada, aquelle  
 em que ia o Sr. de Milloum foi atacado por uma  
 tartana barbaresca, e apesar da mais vigorosa re-  
 sistencia, os que sobreviveram ao combate, cahir-  
 ram prisioneiros dos corsarios algerianos.

Entrado no porto de Alger, o pirata conduziu  
 seus captivos á terra e os expoz no Battistam,  
 (prisão de escravos) onde elles foram postos á  
 venda.

Cada prisioneiro era pago conforme sua idade,  
 força, saude apparente e a posição que occu-  
 pava em sua patria.

Lord Milloum tinha, além da altivez da nobreza  
 e bella presença, traços graciosos e regulares,  
 sombreados de uma magnifica cabelleira loira:  
 seu todo apresentava tal distincção que, conside-  
 rado como o mais bello dos captivos postos á  
 venda, foi comprado por conta do Dey.

Uma jovem senhora ingleza, que acabava de  
 perder seu marido no combate contra os piratas,  
 e um religioso franciscano, comprados por preço  
 muito inferior, foram os seus companheiros de  
 infortunio. Todos tres foram enviados a *Cashah*,  
 residência dos Deys, e antes dos reis de Al-  
 ger.

No meio d'estas altas muralhas, encontravam-se  
 todas as magnificencias descriptas pelos poetas  
 arabes.

Construida para servir de refugio á familia do  
 soberano, em caso de reveis, essa fortaleza of-  
 ferecia no seu interior a mixtura singular das do-  
 ces habitações do harem, e da turbulencia de uma  
 praça de guerra.

O *Kodja*, ou thesoureiro do palacio, seguido  
 de um interprete de inglez, conduziu lord Mil-  
 loum ao aposento de seu senhor. Este principe,  
 assentado a oriental, fumava em seu caximbo  
 junto de um terrasso que dava para o mar.

Mollemente reclinado sobre cochins de seda,  
 uma jovem, fresca e risonha, occupava se em en-  
 trelaçar flores de jasmim, que destinava ao seu  
 tocador.

(Continúa.)

*Laure Prus.*

## A roseira.

A. J. F. DE CARVALHO.

Em uma roseira estava  
 semi-aberto um botão:  
 quiz colhel-o; mas, com raiva,  
 me disse a roseira: Não.

—Dá-me, roseira mimosa,  
 esse teu lindo botão;  
 não sejas assim raivosa,  
 não tenhas máo coração.

Ea farei delle um presente  
 á uma virgem formosa,  
 tão meiga, tão innocente  
 como tu, planta mimosa.

—Deixae, maneco, ficar  
 no hastil esse botão;  
 p'ra que me quereis deixar  
 sosinha na solidão?

Mas, roseira, esse botão,  
 desde que fôr apanhado,  
 pertence á virgem, e então  
 será por ella estimado.

— «Ah! sim, maneco, eu te creio;  
porem— t'ó dar? isso não!  
vai viver hoje n'um seio,  
morrer amanhã no chão.

Assim, melhor é deixar  
o meu querido botão:  
não queiras vér-me ficar  
sósinho na solidão.

L. T. R.

**O Amor fatal.**

Maria, a filha das ondas,  
Manoel, filho do mar;  
Ella tão formosa e triste  
Como a ondá a saluçar;  
E elle brando, ou valeroso,  
E gentil qual vé-se o mar;  
Ai, se amaram n'esta vida...  
Era seu destino amar!  
E onde amantes mais ferventes  
Para agora os comparar?  
Se Maria suspirava,  
Manoel a suspirar...  
Se ella um riso desfolhava,  
Elle um riso a desfolhar!  
Mas, um dia o me-go amante,  
Cujá vida era no mar,  
Chega á praia de meu lado,  
Sem Maria procurar...  
Que tristezas no semblante!  
Que tristezas no fallar...  
—Manoel, o que tu sentes?—  
Maria poz-se a exclamar—  
•Porque me foges agora...  
•Porque gemes a cuidar?  
•Não foste assim para as ondas...  
•Quem te fez assim voltar?  
•Manoel, tenho ciúmes  
•Lá das abyssos do mar!  
E Manoel em silencio  
Gemia triste a seismar!  
E porque triste seismava  
Manoel, o pescador?  
E' que fora um dia ás vagas  
De terra levando amor,  
E nas vagas o perdéra  
Com pezar, com disabor...  
Que vira um resto de fada,  
Lindo rosto encantador...  
E também ouvira um canto,  
Nenhum mais fascinador,  
Que lhe fallava dos gozos  
Do mais terno e doce amor:  
•Meus palacios crystallinos,  
•Meus jardins de bella flor,  
•Meus olhares, meus sorrisos,  
•Cada qual de mais ardor,  
•Os meus beijos delectosos,  
•De meu seio o puro odor...  
•Tudo dou-te e sete dias  
•Para voltando dispor...

E os sete dias passavam...  
Ai, triste do pescador!  
Devia deixar as praias  
Para sempre... oh, quanta dor!  
Mas, que fazer se viéra  
Das ondas louco de amor?!

E Manoel se prepara  
Para a viagem do mar,  
Sempre triste e suspirando  
Como quem sente um pesar...  
Maria chorando exclama:  
—Manoel, não vás pescar!  
—Que não vá porque me podes?  
E Maria a soluçar...  
—Eu não sei, mas tenho medo  
•De não ver-te mais voltar...  
Manoel não lhe responde;  
Quanta pena em seu olhar...  
E suspirando mais triste,  
Mais depressa sei p'ra o mar!  
E Maria? Que amargura!  
Quem n'a pudera arrancar  
Da branca areia da praia  
Onde sentou-se a chorar?  
Veio um dia e depois outro, . .  
Como as ondas veem do mar...  
E não vê a bella amada,  
Sempre o horizonte a fiçar...  
—Verdes ondas, verdes ondas,  
•Inda estava elle a porem?  
•Ai, dizei-me, tende pena  
•De quem chora a delinhar!  
E gemendo as verdes ondas  
Os seus pés vinham beijar,  
E depois também chorosas  
Voltavam rolando ao mar...  
E o tempo passando sempre,  
E Maria a soluçar...

Eis que em noite de tormenta,  
N'uma noite de terror...  
Houve quem visse nos mares  
Sepultar-se aquella dor!  
Os gonidos se calaram  
Do fatal e firme amor...  
Que Manoel não voltára  
Do palacio encantador!  
Mas, se a noite é de tormenta,  
Quando a noite é de terror,  
Quanto soluço na praia  
Não escuta o pescador,  
Dizendo com seus filhinhos,  
No meio de seu pavor:  
—Ai, que destino cruento!  
Que fatal e firme amor!

Juvenal Galeno.

(Dos Pescadores—lenda popular.)

Maranhão.—Typ do Paiz, impresso por M. F. V. Pires